

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: QESP Class.: Direitos Indígenas/  
 Data: 21/02/94 Pg.: A3 Declaração da ONU  
DIOR 00 19

### Índios, massa de manobra

**I**mpõe este comentário a notícia que deu conta da elaboração, na Comissão de Direitos Humanos da ONU, reunida em Genebra, de texto provisório para a futura Declaração Universal dos Direitos dos Índios. Redigido por um grupo de cinco *peritos*, esse texto pretende que se reconheça aos índios, em toda parte, o direito à autodeterminação. Isso significaria, por exemplo, facilitar aos ianomâmis sua independência do Brasil? A pergunta que ocorre a qualquer um, em seguida, é esta: quanto tempo levaria para que eles, independentes, passassem a ser *protegidos* por outro país, que adquiriria, de fato, o domínio sobre o território que ocupassem? Território que, registre-se, decorre do reconhecimento explícito de que o latifúndio improdutivo nada tem de ruim, tratando-se de terras indígenas, sendo mesmo conveniente estimulá-lo sempre, e ampliá-lo generosamente. Quanto mais, melhor.

Melhor para quem? Os territórios dos índios, demarcados administrativamente pela Funai, já correspondem a 10% do titulado por este país-continente. Sendo apenas 250 mil, os silvícolas dispõem de terras de extensão vastíssima, que perfaz a soma desses quatro países: Alemanha, Áustria, Bélgica e Grã-Bretanha. Ninguém ignora que a quase totalidade das áreas indígenas se situa na Amazônia, cujo subsolo contém ilimitados recursos naturais, avaliados hoje, precariamente, em cerca de US\$ 4 trilhões. Tais recursos devem ser convertidos, com trabalho e tecnologia avançada, em riqueza, a ser distribuída entre todos os brasileiros a fim de lhes elevar padrões de vida e bem-estar.

É curioso porém que, em 1987, durante os trabalhos de votação da Constituição dos miseráveis, 47 mil austríacos tivessem pretendido oferecer ao projeto do texto de que resultou a Carta de 1988 emenda que introduzisse nesse mesmo texto o conceito de *soberania restrita* sobre as terras indígenas para que não fossem exploradas "riquezas minerais da Amazônia ou em outras

regiões habitadas por índios".

O aproveitamento dos recursos naturais do Brasil, aceita *sugestão popular* dos austríacos, já não beneficiaria os brasileiros, pelo simples fato de ser tornado ilegal, ou melhor, inconstitucional. O clube do Primeiro Mundo não quer novos sócios? Curioso é que a idéia de deixar sepultados aqueles valiosíssimos recursos naturais, vinda de fora, encontra aqui o apoio de correntes

**Os que querem  
manter os  
silvícolas  
segregados se  
colocam contra o  
interesse nacional**

de opinião que se autodenominam progressistas, integradas por contingentes nacionalistas, missionários forasteiros, ecologistas ou verdes *caterva*.

É patriótico pôr sob suspeita o zelo estrangeiro pelos índios em geral e, em particular, pelos que aqui se encontram. Mas o que cumpre fazer, diante dos fatos, é defender, antes de mais nada, o interesse nacional; e, nesse sentido, apoiar a posição tomada pelo embaixador Gilberto Sabóia, que discursou em Genebra para afirmar que o País pretende derrubar esse ou qualquer outro conceito que coloque em risco sua soberania. O diplomata brasileiro lembrou que a declaração mencionada terá de ser adotada por consenso, ou seja, sem o aval que ele lhe desse não vigoraria. Indo mais longe, o embaixador Gilberto Sabóia fez saber que o Brasil também não aceita a expressão "povos indígenas", constante do rascunho do documento: a palavra povos está historicamente relacionada à independência. Para remate, assinale-se que a segregação não é o ideal dos silvícolas; e chega a ser precisamente o contrário do que querem. Eles, em sua maior parcela, esperam colher livremente os benefícios da integração e das vantagens que lhes possa trazer a aproximação com a civilização. E têm como inimigos quantos busquem convertê-los em massa de manobra e condená-los a permanecer no estágio cultural primitivo em que quer confiná-los a já notória conspiração que une forças nocivas que vêm de fora, aliadas a outras, negativas, endógenas, que lançam raízes na visão distorcida do que convém aos brasileiros.